

O jornalismo e a arte do saber (ser) sensível

Journalism and the art of knowing to be sensible

■ FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES*

MEDINA, Cremilda (2008).

Ciência e jornalismo

Da herança positivista ao diálogo dos afetos

São Paulo: Summus, 118 p.

RESUMO

Esta resenha aponta as contribuições existentes no livro de Cremilda Medina ao campo do Jornalismo. Ao longo do texto, aborda-se a relação entre jornalismo e ciência indicada pela autora, elaborando, a partir de outras referências, um mapa que permita pensar sua obra de um ponto de vista reflexivo. Assim, chamamos a atenção para os principais assuntos elencados, para a maneira como os mesmos encontram-se traçados, e para os conceitos que emergem desse percurso. Em nossa leitura, tentamos dialogar com as propostas do livro, construindo, a partir daquilo que nos afetou, uma compreensão sobre a presença dos afetos na narrativa jornalística sobre a contemporaneidade.

Palavras-chave: jornalismo, ciência, afeto

ABSTRACT

This review points out some contributions of Cremilda Medinas's book to the field of Journalism. Throughout the text, it discusses the relationship between journalism and science given by the author, «drawing», from other references, a map that organizes her work from a reflexive point of view. Besides it, we call attention to the main issues listed in the book, the way they are outlined, and the concepts that appears from this route. In our reading, we tried to dialogue with some proposals of the book, building, from what affected ourselves, an understanding of affection in the journalistic narrative about the present.

Keywords: journalism, science, affection

* Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde integra o Grupo de Pesquisa "Estudos em Jornalismo". Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

EM SEU LIVRO *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Boaventura de Sousa Santos (1989) afirma que na pós-modernidade vigora um declínio dos grandes relatos da ciência moderna, uma queda das grandes narrativas, da verdade absoluta e inquestionável. Sob essa ótica, a ciência, como forma legitimada de saber, na tentativa de aproximar-se da sociedade (tanto na forma quanto nos fins), deve deixar de ser um discurso que renega outros saberes, menos formalizados.

A visão de Santos (1989), orientada pela crise de paradigmas vivida pelas ciências sociais nas últimas décadas do século passado, reivindicava uma nova dimensão paradigmática da ciência a partir de uma «dupla ruptura epistemológica». Esta última, derivada de um movimento reflexivo sobre a ciência moderna, seus preceitos e sua relação com o senso comum, tinha como objetivo final – em síntese – a instauração de um senso comum esclarecido e uma ciência prudente. Visava-se, por fim, a uma nova configuração para a ciência na sociedade: mais prática e esclarecida, sábia e socialmente distribuída. Uma ciência que quebra seus preconceitos e que passa a ouvir e respeitar o «Outro».

O retorno ao pensamento de Boaventura Santos faz-se interessante aqui não só pelo movimento realizado pelo autor, mas por abrir espaços nos quais se alocam algumas reflexões trazidas por Cremilda Medina em *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. Neste livro, lançado em 2008, a autora corporifica, de outras maneiras, algumas reflexões que já a acompanham em publicações de sua autoria, todas elas referenciadas no texto. Notadamente, bons ecos de *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano* (2003), *O signo da relação – Comunicação e pedagogia dos afetos* (2006) e *Entrevista – O diálogo possível* (2008, 5^e) ressoam nas propostas trazidas para a experiência do leitor.

Em *Ciência e Jornalismo*, Medina deixa transparecer, de outra forma, a virada paradigmática que propunha o professor português; tomando como matéria para esse caminho, o jornalismo e sua relação com a ciência. Apesar de não fazer referência a Sousa Santos, em seu percurso da herança positivista ao diálogo dos afetos, a autora realiza um movimento que, também baseado em um duplo – no caso, o jornalismo e a ciência –, aponta para, na atualidade, um terceiro. E este último, resultado do tensionamento (crítico e hermético) entre os dois primeiros, diz de um outro jornalismo; assim como Santos (1989) afirmava, na tensão entre ciência e senso comum, de uma outra ciência.

No entanto, este novo jornalismo proposto pela autora traz um elemento outro para além dos dois primeiros: o afeto, a sensibilidade. Em Santos este fator estaria, de certa forma, presente na figuração do sujeito e no contraponto que este ofereceria ao objeto científico pelo retorno ao senso comum e a modificação de um pelo outro. Em Medina, a relação sujeito-objeto vê-se presentificada

pela «entrada em cena» da sensibilidade humana, da subjetividade, a partir do sensível e de suas materializações possíveis nos processos jornalísticos. Daí resultaria esse outro jornalismo proposto pela autora, no qual não só sujeito e objeto se veem tensionados, mas onde, mais que isso, se atentaria para as potencialidades e necessidades da relação sujeito-sujeito nas práticas cotidianas que dão a conhecer o mundo.

Nesse sentido, uma questão ganha importância: a do jornalismo como forma de conhecimento na sociedade e como ator principal, na contemporaneidade, na «arte de tecer o presente». Algo que, sob a ótica proposta no livro, diz de uma opção pelo regresso da autoria do jornalista, como indica o escritor Sinval Medina, já no prefácio do livro:

Cremilda Medina propõe o resgate da autoria como elemento-chave da prática profissional. O envolvimento emocional com a narrativa e o relacionamento sujeito-sujeito entre os seres humanos nela envolvidos aparecem como uma nova fronteira na representação da atualidade ou, com licença da autora, na arte de tecer o presente, função precípua da comunicação social (Medina, 2008: 12)

Essa mesma dinâmica segue a própria narrativa do livro, iniciada antes do sumário, com uma nota que conta sobre a ideia da obra e sua materialização temporal e afetiva. Como diz Medina, *Ciência e Jornalismo*, “escrito no outono de 2008, nasceu de uma inspiração no entardecer de 31 de dezembro de 2007” (p. 7), quando, em uma livraria de São Paulo, a autora se deparou com uma “preciosa edição espanhola do *Discurso sobre el espíritu positivo*, de Auguste Comte” (Ibid.).

Ao longo de suas páginas, muito dessa emocionalidade ganha forma. Em primeiro lugar, com o ótimo uso de exemplos concretos do embate entre o saber científico «duro», positivista, e outros saberes – o que se vê na recorrência ao debate jurídico sobre a regulamentação da pesquisa com células-tronco no Brasil, ou na leitura crítica sobre a cobertura midiática do chamado «caso Isabella Nardoni». Em segundo, com a presença de textos jornalísticos da autora, realizados na década de 1980, e cuja busca por um olhar mais humano impele o leitor a um «esclarecimento jornalístico» que ultrapassa a mirada positivista consolidada sobre o mesmo, no Brasil, pela tradição estadunidense. Em terceiro lugar, com uma clarificação sobre a importância de valorização dos sentidos humanos (via «interação social») no jornalismo; seja numa simples entrevista, seja na cobertura de fatos e temas. Algo que diz da condição dialógica da comunicação jornalística mas que, para muitos leitores oriundos da «bibliografia comunicacional», também conduz para lembranças aos estudos da chamada Escola de Chicago.

Assim, pode-se dizer que a lógica dos «terceiros» permeia *Ciência e Jornalismo* e se esmiúça de forma encadeada. A primeira «lógica terciária» está nesse próprio mote do livro, resultante do trajeto crítico entre os âmbitos da ciência positivista e do jornalismo. Esses dois, tensionados pelo diálogo dos afetos, levariam a um terceiro, um outro jornalismo, do qual vimos falando acima e que, no fundo, reivindica, na crise de paradigmas vivida pelos dois primeiros, um lugar para a comunicação jornalística em sua «globalidade relacional».

Na sequência, outra «lógica dos terceiros» está na própria estrutura da obra, composta em três partes.

Na primeira delas, *Positivo não operante, ou Auguste Comte revisto*, Medina faz a revisão do texto de Comte por ela apresentado na nota de abertura do livro, elencando os principais preceitos de sua teoria positivista, e indicando, ao mesmo tempo, como o jornalismo, na sua ânsia de dar conta dos fatos do mundo, foi, na fundação de seu profissionalismo, operacionalizado de forma «positiva»: “Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista” (p. 25).

Nesse resgate, a autora traça um caminho que coloca em questão as objetividades científicas e jornalísticas, revisando alguns autores e pensamentos. Na revisão positivista, além de Comte, René Descartes aparece destacado.

Com base nas reflexões do neurocientista português radicado nos Estados Unidos, Antônio Damásio, Medina coloca em evidência um fator importante na ruptura pensada para o «jornalismo dos afetos» e que condiz com uma ruptura dentro da própria ciência: a quebra dos dualismos. Na leitura de Damásio sobre os dogmas cartesianos, questiona-se a separação «abissal entre o corpo e a mente» e como o primeiro, influenciado por questões físicas e sociais, interfere na segunda, sendo preciso, pois, pensar no todo formado pela junção de ambos. Um dualismo – também em fase de transformação – que aparece em contraposições que predominaram e que ainda hoje ecoam: falso e verdadeiro, crença e método, razão e emoção.

Nessa esteira de pensamento, a autora recorre ainda ao humanista colombiano Luis Carlos Retrepo e suas reflexões sobre os sentidos humanos como configuradores de nossas relações pessoais, bem como ao pensamento de Pascal que, já no século XVII, apontava para as fragilidades humanas e suas complexidades, configuradoras de uma série de «sutilezas» que colocariam em cheque a infalibilidade da ciência moderna.

No contexto jornalístico, tais sutilezas deveriam ser revistas, segundo Medina, no reconhecimento da incapacidade do modelo jornalístico canônico em dar conta de toda a complexidade do mundo: “A compreensão dos limites

da razão, seja pelo lado instrumental para atingir eficiência técnica, seja pela virtualidade ética para controlar a desrazão, está sempre presentificada nas circunstâncias trágicas do monstro que não foi domado” (p. 59). Na agitação do mundo cotidiano, coloca a autora, cada nova situação pode “ultrapassar os limites consagrados da razão” (p. 61) e os jornalistas, “por mais que ouçam aqueles que se interrogam e não apenas os que afirmam como precisão e clareza, [...] apresentam um déficit de entendimento da trama complexa do presente” (Ibid.).

Esse déficit, bem como a superação do mesmo, aparecem indicados na segunda parte do livro, *Diálogo Possível: relato de uma experiência*. Na tentativa de buscar uma nova racionalidade jornalística que saiba mesclar a técnica (profissional e linguística) e a emoção, Medina reproduz textos jornalísticos de sua autoria, nos quais ganha voz uma senhora judia, sobrevivente dos campos de concentração da 2ª Guerra Mundial e residente no Brasil desde o final do conflito. Dos relatos produzidos a partir da interação entre a jornalista – Cremilda Medina – e a entrevistada – Bela Lukower –, a autora faz emergir uma série de questões: uma outra utilização do texto jornalístico, que consegue afirmar a presença do sujeito, deixando explícitas, inclusive, marcas da relação estabelecida no ato da entrevista; a existência, em qualquer história, de uma trama que não deve ser vista e explicada por meio de uma linearidade; o papel dos sentimentos na orientação do dizer jornalístico, ou seja, na constituição objetiva e subjetiva da comunicação que ali se constrói.

Apesar de fazer menção a um caso extremo, que toca em questões delicadas da ética humana, o exemplo explorado por Medina «dá a ver» o trajeto do jornalismo rumo aos afetos e pontua, para os leitores mais perspicazes, um conjunto de elementos que podem (e devem, na ótica da autora) compor a prática ordinária da produção noticiosa.

Na terceira parte do livro, *Reflexos e reflexões: à margem das certezas*, esses elementos são refletidos, colocando-se em evidência os sentidos de uma postura autoral dentro do jornalismo cotidiano que ultrapassam, também, os limites da própria entrevista. “A arte de tecer o presente aponta, portanto, para a múltipla capacidade de produzir significados: em síntese, resgata o protagonismo, expande-se na contextualização sociocultural, pesquisa as raízes históricas e promove a escuta de especialistas sobre o tema da pauta” (p. 95). Um processo que diz respeito à ação criadora e transformadora da comunicação social, fruto do aparato de percepção e observação do produtor de sentidos.

Tais aspectos orientam, finalmente, ao nosso ver, a última «lógica terciária» do livro, que fecha esse circuito de «terceiros», na qual aparecem algumas importantes noções conceituais. Ao propor a substituição da «divulgação pela

relação», Medina valoriza, neste «jornalismo dos afetos», um profissional cuja formação acadêmica, de comunicador social, esteja voltada para uma visão de mundo atenta à descoberta e à compreensão do que se passa nos contextos que o cercam, bem como atenta à relação com o «Outro». Nesse sentido, três conceitos interligados permeiam essa proposição e encontram-se dispersos na tessitura que compõe essa terceira lógica: relação, intersubjetividade e dialogia. O primeiro, pelo próprio «signo» reivindicado pela autora para pensar esse jornalismo; o segundo, por valorizar o reconhecimento dos compartilhamentos individuais e sociais na construção da sociabilidade para a qual o jornalista se volta e da qual ele faz parte; e o terceiro, por colocar em evidência as potencialidades do diálogo na interação humana.

O livro tem como mérito final chamar a atenção para a superação, por parte do jornalismo como discurso da contemporaneidade, «da função administrativa dos sentidos»; elevando, para além de instâncias de poder ou instâncias tecnológicas, o «protagonismo humano». O diálogo dos afetos aponta, em tempos de crises paradigmáticas, para a presença de uma poética dos sentidos, reivindicada hoje, cada vez mais, por diversos campos do saber. Nesse contexto, Cremilda Medina opta por pensar as narrativas, indicando o vigor do dizer autoral, do testemunho pela sensibilidade, em lugar do dizer absoluto do narrar positivista e dos «certeiros» enquadramentos jornalísticos. Menos que uma obra epistemológica, *Ciência e Jornalismo* é uma obra pungente. Sua dimensão não é grandiosa, como a de um tratado, mas sua constituição faz despertar, a partir do que somos, aquilo que é (e deve ser) o Jornalismo. ■

REFERÊNCIAS

- MEDINA, Cremilda (2008). *Entrevista – O diálogo possível*. 5 e. São Paulo: Ática.
- _____. Cremilda (2006). *O signo da relação – Comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus.
- _____. Cremilda (2003). *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

Resenha recebida em 31 de março e aprovada em 23 de abril de 2009.